

SUCESSO ESCOLAR

Da compreensão do fenómeno às estratégias para o alcançar

Luisa Veloso e Pedro Abrantes (organizadores)

SUCESSO ESCOLAR

DA COMPREENSÃO DO FENÓMENO ÀS ESTRATÉGIAS
PARA O ALCANÇAR



LISBOA, 2013

© Luísa Veloso e Pedro Abrantes (organizadores), 2013

Luísa Veloso e Pedro Abrantes (organizadores)

Sucesso Escolar. Da compreensão do fenómeno às estratégias para o alcançar

Primeira edição: dezembro de 2013

Tiragem: 400 exemplares

ISBN: 978-989-8536-28-0

Depósito legal:

Composição em caracteres Palatino, corpo 10

Conceção gráfica e composição: Lina Cardoso

Capa: Nuno Fonseca

Imagem da capa: Cursos profissionais de fotografia do agrupamento de escolas de Vialonga

Revisão de texto: Manuel Coelho

Impressão e acabamentos: Europress, Lda

Este livro foi objeto de avaliação científica

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa

Tel.: (+351) 217 903 238

Fax: (+351) 217 940 074

E-mail: editora.cies@iscte.pt

Site: <http://mundossociais.com>

Índice

Índice de figuras e quadros	vii
Introdução	1
<i>Pedro Abrantes e Luísa Veloso</i>	
1 Práticas e consequências da retenção escolar	9
<i>Joseph Conboy, Inês Santos, Isabel Moreira e Jesuína Fonseca</i>	
2 Fatores Preditores do Sucesso Escolar no Ensino Secundário	29
<i>Manuela Ferreira, Ana Paula Cardoso e José Luís Abrantes</i>	
3 Desenvolvimento fonético-fonológico do português europeu	59
<i>Ana P. Mendes, Marisa Lousada e Ana Rita Valente</i>	
4 Sucesso escolar nas escolas secundárias portuguesas	77
<i>Cláudia S. Sarrico e Maria João Rosa</i>	
5 Avaliação externa e sucesso escolar	105
<i>Luísa Veloso, Pedro Abrantes, Daniela Craveiro, Susana Martins, Helena Quintas, José Alberto Gonçalves, Isabel Rufino, Teresa Vitorino e Telma Caixeirinho</i>	
6 Escolas singulares	127
<i>João Teixeira Lopes</i>	
7 Orientação escolar e profissional no ensino secundário	145
<i>Carlos Manuel Gonçalves, Ângela Matos, Luísa Pinheiro, Mónica Santos e Patrícia Amaral</i>	
8 Conceções pessoais de competência, eficácia coletiva de escolas e sucesso no secundário	167
<i>Luísa Faria</i>	

9	Otimização do ensino das ciências experimentais	187
	<i>Maria José B. M. de Almeida</i>	
10	Imigração e condições sociais no desempenho escolar	207
	<i>Teresa Seabra, Patrícia Ávila e Leonor Castro</i>	

Índice de figuras e quadros

Figuras

1.1	Performance média a ciências por ano de escolaridade e condição de retenção, PISA 2006 e 2009	15
1.2	Comparação da proporção de alunos por ano de escolaridade nas amostras do PISA 2006 e 2009	15
1.3	Dois modelos multinível: contributos relativos para o desempenho a ciências (PISA 2006 e 2009)	19
2.1	Modelo I — análise fatorial confirmatória	36
2.2	Modelo I — estimativas das relações significativas	36
2.3	Modelo II — análise fatorial confirmatória.....	38
2.4	Modelo II — estimativas das relações significativas	38
2.5	Modelo III — análise fatorial confirmatória	41
2.6	Modelo III — estimativas das relações significativas.....	41
2.7	Modelo IV — análise fatorial confirmatória	43
2.8	Modelo IV — estimativas das relações significativas	44
2.9	Modelo V — análise fatorial confirmatória	46
2.10	Modelo V — estimativas das relações significativa.....	47
3.1	Idade de aquisição das vogais do português europeu.....	67
3.2	Idade de aquisição das vogais do português europeu.....	68
3.3	Idade de aquisição dos grupos consonânticos do português europeu ..	69
3.4	Idade de supressão do processo fonológico para o português europeu	69
5.1	Perfis de escolas (análise de correspondências múltiplas).....	114
8.1	Fases e atividades do projeto.....	173
10.1	Caracterização da população escolar dos concelhos da AML.....	218
10.2	Resultados (média) das provas de aferição segundo a <i>origem nacional</i> e o <i>contacto com Portugal</i> (4.º ano).....	220
10.3	Resultados (média) das provas de aferição segundo a <i>origem nacional</i> e o <i>contacto com Portugal</i> (6.º ano).....	221

10.4	Diferenças de género nos resultados (média) das provas de aferição (4.º ano).....	222
10.5	Diferenças de género nos resultados (média) das provas de aferição (6.º ano).....	222
10.6	Resultados (média) das provas de aferição segundo a <i>origem nacional</i> e a <i>formação académica familiar</i> (4.º ano)	223
10.7	Resultados (média) das provas de aferição segundo a <i>origem nacional</i> e a <i>formação académica familiar</i> (6.º ano)	223
10.8	Resultados (média) das provas de aferição segundo a <i>origem nacional</i> e a <i>classe social</i> (4.º ano)	224
10.9	Resultados (média) das provas de aferição segundo a <i>origem nacional</i> e a <i>classe social</i> (6.º ano)	224

Quadros

1.1	Caraterísticas dos alunos retidos em Portugal: PISA 2006 e 2009	17
2.1	Modelo I — constructos, escalas de medida e fiabilidade interna.....	35
2.2	Modelo II — constructos, escalas de medida e fiabilidade interna	37
2.3	Modelo III — constructos, escalas de medida e fiabilidade interna.....	40
2.4	Modelo IV — constructos, escalas de medida e fiabilidade interna.....	42
2.5	Modelo V — constructos, escalas de medida e fiabilidade interna	45
2.6	Análise da amostra por nível de IDS	48
2.7	Análise da média de curso de acordo com o IDS a que pertencem.....	49
3.1	Caracterização da amostra por sexo e faixa etária.....	61
3.2	Número de crianças por área geográfica.....	61
3.3	Caracterização da amostra pelas habilitações do pai e da mãe.....	62
3.4	Caracterização da amostra pela profissão do pai e da mãe	62
3.5	Médias e desvios-padrão das produções das consoantes, grupos consonânticos e vogais	65
3.6	Faixas etárias em que 75% dos sujeitos produziram as consoantes, os grupos consonânticos e as vogais	66
3.7	Média da percentagem de ocorrência de processos fonológicos	70
3.8	Comparação entre as idades de aquisição dos fonemas obtidas para o português europeu com as obtidas para o português do Brasil	71
3.9	Comparação das idades de supressão dos processos fonológicos do português europeu obtidas no presente estudo e no estudo de Castro e outros (1997, 1999).....	71
5.1	Medidas de discriminação das variáveis ativas	114
5.2	Relação entre os tipos de organizações escolares e indicadores de caracterização (variáveis suplementares)	115
5.3	Taxas de sucesso por tipo de organizações escolares (Anova unifatorial).....	116
5.4	Resultados em provas e exames nacionais por tipo de organizações escolares (Anova unifatorial)	117

5.5	Resultados escolares dos alunos em provas e exames nacionais por tipo de organização escolar	118
5.6	Taxa de abandono escolar por tipo de organização escolar	119
7.1	Frequência das atividades dos técnicos dos serviços de psicologia e orientação (% em linha)	150
7.2	Grau de dificuldade face a aspetos da vida laboral (% em linha)	152
7.3	Satisfação profissional dos técnicos dos SPO (% em linha)	152
7.4	Modelos de coordenação dos serviços de psicologia e orientação	153
7.5	Alunos matriculados no ensino secundário por modalidade de ensino em Portugal	155
7.6	Influência na procura do SPO pelos alunos (%)	157
7.7	Influência na escolha do curso do ensino secundário (%)	158
7.8	Frequência das principais atividades do SPO (%)	159
7.9	Importância das atividades dos serviços de psicologia e orientação (%)	160
7.10	Satisfação dos alunos face aos SPO (% em linha)	161
7.11	Influência na escolha do curso do ensino superior (%)	162
8.1	Propostas de mudança da escola	177
8.2	Propostas de mudança do ensino	178
8.3	Propostas de mudança da função	178
9.1	Programa do 1.º <i>workshop</i> : “Otimização do Ensino das Ciências Experimentais” (19 de setembro de 2009, Departamento de Ciências da Terra)	191
9.2	Grupos de biologia e geologia	192
9.3	Grupos de física e química	192
9.4	Grupos de matemática	193
9.5	Programa do 2.º <i>workshop</i> : “Otimização do Ensino das Ciências Experimentais” (16 de janeiro de 2010)	195
9.6	Programa do 3.º <i>workshop</i> . “Otimização do Ensino das Ciências Experimentais” (17 de abril de 2010, Departamento de Ciências da Terra)	196
9.7	Programa do 4.º <i>workshop</i> “Otimização do Ensino das Ciências Experimentais” (10 de julho de 2010, Departamento de Física)	198
9.8	Programa do fórum final “Otimização do Ensino das Ciências Experimentais” (12 de fevereiro de 2011, Departamento de Ciências da Terra)	200
9.9	Número de presenças nos workshops	201
10.1	Categorias e critérios de classificação utilizados no PISA	209
10.2	Desempenho escolar segundo nacionalidade (Portugal, 2008/2009)	214
10.3	Universo de alunos e escolas por ano de escolaridade	215
10.4	Número de países correspondente à naturalidade e à nacionalidade dos alunos e seus progenitores	215
10.5	Naturalidade, nacionalidade e origem nacional dos alunos descendentes de imigrantes	215

10.6 Níveis de contacto com Portugal dos alunos descendentes de imigrantes.....	216
10.7 Classe social dos progenitores	216
10.8 Nível de escolaridade atingido pelos progenitores (%).....	217
10.9 Número de “escolas gueto”, por concelho e ciclo	218
10.10 Médias e desvio-padrão dos resultados obtidos nas provas de aferição.....	220
10.11 Intensidade da relação entre as variáveis de caracterização social e os resultados nas provas de aferição (coeficiente eta)	221
10.12 Fatores explicativos dos resultados obtidos nas provas de aferição	225

Introdução

Pedro Abrantes e Luísa Veloso

Nas sociedades contemporâneas o sucesso escolar constitui não apenas uma preocupação omnipresente de professores, estudantes e suas famílias mas igualmente um tema central na agenda política e mediática. Assim, tem-se afirmado a convicção de que o êxito *na e da* escola é um fator importante para o desenvolvimento, a integração e o bem-estar, quer de cada indivíduo, quer dos grupos e da sociedade como um todo.

Não escapando a esta tendência internacional, este debate em Portugal tem sido marcado pela preocupação e pela crítica, sobretudo a partir da constatação dos altos níveis de retenção e dos fracos desempenhos dos alunos portugueses em provas nacionais e internacionais, em comparação com os dos restantes países europeus. Se, até aos anos 60, a visão dominante era a de que o sistema educativo deveria selecionar os mais “aptos” condenando os restantes ao insucesso e ao abandono escolares, esta ideologia é hoje incompatível com o regime democrático que nos rege e que tem a igualdade de oportunidades no acesso à educação como um dos seus princípios basilares.

Tendo em conta esta realidade não deixa de ser estranha a escassez de estudos científicos atuais sobre o sucesso escolar em Portugal. Não falamos obviamente de trabalhos que reproduzem os contornos, quantas vezes simplistas e retóricos, que o tema tem adotado nos debates públicos, mas de projetos, teórica e metodologicamente fundamentados, que permitam à sociedade — incluindo os agentes escolares, a administração central e regional e os cidadãos em geral — refletir sobre este fenómeno e encontrar pistas para que a generalidade das crianças, dos jovens e dos adultos sejam bem-sucedidos nas escolas.

Foi neste contexto que o Ministério da Educação e a Fundação para a Ciência e a Tecnologia abriram, em 2008, uma convocatória para selecionar e apoiar estudos focados especificamente no tema do sucesso escolar. Os principais resultados destes projetos foram apresentados numa conferência, em outubro de 2011 no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), sendo agora compilados na presente publicação. Provenientes de diferentes áreas disciplinares e contextos institucionais, estes estudos oferecem-nos assim várias “entradas” e lidos no seu conjunto, permitem-nos desenvolver uma visão plural e multidisciplinar sobre um “fenómeno

social total”, utilizando a famosa expressão de Marcel Mauss, como é o sucesso escolar.

Para uma perspectiva científica sobre o sucesso escolar, importa, pois, começar por “desconstruir” este conceito, nos termos em que tem sido utilizado nos discursos político e mediático, no sentido em que estes tendem a configurá-lo a partir de um conjunto de preconceitos interesses e imperativos ideológicos. A investigação científica não pode aceitar uma visão naturalizada e individualista do conceito; deve, inversamente, desenvolver uma perspectiva que o relacione com as estruturas sociais, culturais, políticas e económicas que o enquadram e lhe dão significado.

É fundamental analisar a relação entre a centralidade e os sentidos dominantes que assume o conceito de “sucesso” nas escolas (e nas sociedades) modernas, por um lado, e as dinâmicas de privatização, competição e exclusão geradas pelo capitalismo global, por outro. Só esta análise permite compreender, por exemplo, por que motivo o “sucesso escolar” é cada vez mais medido pelos resultados em provas de matemática, língua materna e ciências naturais dos jovens de 15 anos — como o faz a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) — e depois é reproduzido nos diversos contextos nacionais; e por que motivo o rótulo do “insucesso escolar” atribuído a partir do desempenho nestas provas, serve continuamente para impor, a nível internacional, um conjunto de estratégias educativas aos diferentes Estados-nação, assim como para legitimar processos hierarquizados de dominação entre países e, no interior de cada país, entre escolas, entre territórios e entre classes sociais.

Mas da investigação científica espera-se mais. Para além desta desconstrução do conceito, é fundamental analisar os motivos que promovem (ou dificultam) as aprendizagens dos alunos nas escolas, alimentando assim uma reflexão mais ampla sobre as condições que permitiriam às crianças e jovens aprender mais e melhor nas nossas escolas. Isto é, desconstruir os significados e efeitos objetivos que possui o conceito, na nossa sociedade, não significa necessariamente negar que, no sistema educativo, tal como na ciência e nos restantes campos da vida social, uma definição de sucesso mais justa e refletida, bem como instrumentos mais sofisticados para aferi-lo, sejam importantes para orientar o trabalho diário de professores, alunos e famílias, assim como o debate público e as políticas educativas.

À ciência deve pedir-se, assim, que informe e acompanhe o desenvolvimento de modelos educativos mais sustentáveis e equitativos. É que demonstre que o sucesso escolar não pode, de todo, ser medido exclusivamente com base nos resultados dos alunos em exames premissa que está na base da constituição dos *rankings* das escolas (e dos países). É também atendendo a esta preocupação e responsabilidade da produção científica que se reúnem neste livro resultados de investigações focalizadas em aspetos distintos do sucesso escolar e nos fatores que com ele se relacionam.

A orientação da publicação procurou que os textos fossem escritos numa linguagem acessível para os leitores que não são especialistas do campo científico em que foi realizado o estudo e que incluíssem pistas sobre formas de promoção do sucesso escolar, entendido em sentido amplo, isto é, ao nível das políticas educativas e em termos das práticas dos profissionais da educação. Neste sentido, cada

capítulo corresponde a uma das investigações realizadas e que foram agrupadas em três blocos, consoante o “nível de escala” de análise privilegiado pelo respetivo estudo (micro, meso ou macro).

No primeiro bloco, incluímos os projetos que abordaram a questão do sucesso escolar na perspetiva do sistema educativo português. Destes estudos, é possível retirar ilações e recomendações, em particular relativamente às políticas seguidas ao nível da administração central.

No primeiro capítulo — “Práticas e consequências da retenção escolar: alguns dados do PISA” — Joseph Conboy, Inês Santos, Isabel Moreira e Jesuína Fonseca analisam o desempenho dos adolescentes portugueses nas influentes provas internacionais, organizadas pela OCDE, a partir das estratégias de retenção existentes no sistema de ensino português e que, como referimos antes, alcançam em Portugal uma expressão maior do que nos restantes países europeus. Este estudo é particularmente relevante, pois, ao contrário de uma ideia comum no espaço mediático, milhares de alunos continuam a reprovar, ano após ano, nas escolas portuguesas, enquanto que, em muitos países, este valor é residual, pelo menos até aos quinze anos de idade. Curiosamente, adquirindo um carácter massivo no sistema de ensino português, este fenómeno tem merecido muito pouca investigação no nosso país, se excetuarmos os trabalhos que têm associado o insucesso ao abandono escolar. O que os autores mostram com clareza é que os baixos resultados alcançados por Portugal nas provas internacionais resultam, em grande medida, do número excecional de jovens que ficaram retidos ao longo da escolaridade básica e que, portanto, no momento da realização da prova, não frequentam o ano de escolaridade esperado, mas anos anteriores. Estes resultados, coincidentes com as recomendações recentes do Conselho Nacional de Educação (CNE) ou da própria OCDE, apontam para a necessidade de um maior acompanhamento e recuperação dos alunos em situação de insucesso escolar, evitando, sempre que possível, a retenção, visto esta não ser nem eficaz, nem equitativa. Uma vez que no espaço público é comum associar-se os fracos desempenhos dos alunos portugueses precisamente à redução das taxas de reprovação, nos anos mais recentes, este é um exemplo da referida desconstrução do fenómeno que conduz a uma definição mais informada do conceito de “(in)sucesso escolar”.

O segundo capítulo — “Fatores preditores do sucesso escolar no ensino secundário” — de Manuela Ferreira, Ana Paula Cardoso e José Luís Abrantes, continua de certa forma esta discussão, ao identificar variáveis influentes no êxito académico dos estudantes no ensino secundário. Este tema é tanto mais importante se tivermos presente que este ciclo de ensino tem registado taxas de abandono e de insucesso de taxas de abandono e de insucesso massivas, tendo recentemente atravessado uma profunda mudança em Portugal, com a expansão da escolaridade obrigatória e do ensino profissional. A partir de um inquérito a estudantes do ensino secundário, as autoras mostram como alguns fatores são importantes para a perceção da aprendizagem e o rendimento académico, tais como o sentimento de pertença à escola, a motivação intrínseca para o curso, a “conscienciosidade” e a autoestima, a interação dos discentes e com os docentes. Trata-se, pois, de um estudo que identifica fatores promotores do sucesso escolar que não têm sido

abordados no debate público e nas orientações governamentais, mas que são certamente relevantes para o desenho de políticas educativas mais eficazes e equitativas.

No terceiro capítulo — “Desenvolvimento fonético-fonológico do português europeu: contribuições para a prevenção do insucesso escolar” — Ana P. Mendes, Marisa Lousada e Ana Rita Valente abordam uma dimensão linguística do sucesso escolar. A partir de um estudo sobre as capacidades fonológicas das crianças, entre os três e os seis anos de idade, identificam níveis-padrão, expectáveis para cada idade, e que serão úteis nas orientações curriculares, ao nível do ensino pré-escolar e do 1.º ciclo. Surge como particularmente pertinente a criação de instrumentos que permitam o diagnóstico e a intervenção precoce junto de crianças com dificuldades básicas de aprendizagem, uma questão que tem sido apontada como um ponto fraco do sistema educativo português. Neste sentido, uma parte importante do insucesso escolar massivo, observado sobretudo no 3.º ciclo de ensino, resulta de dificuldades no uso da língua materna que se vão “arrastando” (e reforçando) desde uma idade precoce. Se a retenção é raramente a melhor solução, como se viu no primeiro capítulo, o diagnóstico e acompanhamento reforçado no 1.º ciclo de ensino parece ser uma estratégia fundamental para prevenir o insucesso em fases posteriores do percurso de escolaridade.

No segundo bloco deste livro podem encontrar-se investigações que abordam o nível meso de análise, isto é, as organizações como os contextos institucionais de análise do sucesso escolar.

Com o texto “Sucesso escolar, nas escolas secundárias portuguesas: a importância da gestão do desempenho,” Cláudia S. Sarrico e Maria J. Rosa propõem uma análise das práticas de gestão do desempenho das escolas, não se confinando aos resultados escolares, mas antes incluindo variáveis como a origem socioeconómica dos alunos ou o seu percurso escolar anterior e as perceções que as escolas têm dos seus sistemas de gestão do desempenho. E concluem que se trata de práticas incipientes e pouco sistemáticas, o que dificulta um trabalho orientado para a promoção do sucesso escolar. A partir de uma tipificação desenvolvida numa outra investigação centrada nas perceções da eficácia das escolas — que conduziu à constituição de quatro tipos de escolas: “escolas elite” “escolas que surpreendem” “escolas fatalistas” e “escolas à sombra da bananeira” — as autoras reiteram que nenhuma das escolas se caracteriza por um processo de gestão do desempenho estruturado. Esta ausência deve-se, entre outros fatores, às ainda incipientes práticas de autoavaliação. As autoras chamam a atenção para a necessidade de discutir os modelos de gestão das escolas numa perspetiva mais abrangente e sistémica.

Também o capítulo seguinte — “Avaliação externa e sucesso escolar” — da autoria de Luísa Veloso, Pedro Abrantes, Daniela Craveiro, Susana Martins, Helena Quintas, José Alberto Gonçalves, Isabel Rufino, Teresa Vitorino e Telma Caixeirinho, se debruça sobre as escolas como organizações, salientando a necessidade de uma reflexão acerca do sucesso escolar considerando as escolas nas suas várias vertentes e, novamente, contrariando uma análise focalizada, exclusivamente, nos resultados escolares. Com o desafio de desenvolver um estudo substancialmente centrado nos relatórios de avaliação externa, mas que não se restringe à dimensão

da avaliação, os autores realizam uma pesquisa que se centra no sucesso *da* escola, o que passa pela análise da estrutura organizacional e dos perfis de liderança. A partir de um conjunto de variáveis, chegam a uma tipificação das escolas em “inovadoras” “tradicionais” e “difusas”, abarcando aspetos como a participação da comunidade educativa ou a diversidade da oferta formativa. A análise realizada destaca ainda que a promoção do sucesso escolar poderá passar, para além de um trabalho sobre a escola como organização, pelo prosseguimento da avaliação externa, adotando uma conceção ampla de avaliação e dos critérios de mensuração do sucesso e conferindo autonomia efetiva às escolas, como já é abordado no capítulo anterior.

Este segundo bloco de investigações encerra com o texto de João Teixeira Lopes sobre um conjunto de escolas classificadas como territórios educativos de intervenção prioritária (TEIP): “Escolas singulares: um estudo sobre territórios educativos de intervenção prioritária (TEIP)”. Visando consolidar um Observatório dos TEIP, o autor propõe uma análise SWOT de quatro TEIP, dois localizados na área metropolitana de Lisboa e outros dois na do Porto. O autor conclui que se trata de uma iniciativa em que a multidimensionalidade dos recursos mobilizados, incluindo o envolvimento de toda a comunidade escolar é, uma realidade, mas depara-se com inúmeros obstáculos, nomeadamente a dificuldade de articulação da escola com a comunidade envolvente ou a precariedade dos vínculos contratuais dos professores e técnicos. Este tipo de dificuldades reflete-se, por exemplo, numa gestão complexa da exclusão social e da violência, o que tem consequências no sucesso escolar. A construção de um projeto educativo e o trabalho em equipa são alguns dos fatores que o autor aponta, os quais são fundamentais para procurar inverter o facto de serem escolas estigmatizadas (por agentes externos e internos) e para valorizar as singularidades dos seus projetos. Será, também, uma maneira de envolver de forma mais estreita os vários atores sociais. O sucesso dos TEIP passa ainda, à semelhança do que é referido em vários capítulos neste livro, pela promoção efetiva da autonomia das escolas, pois são escolas marcadas por especificidades que importa gerir e integrar para que o projeto seja bem-sucedido.

O terceiro e último bloco de estudos é dedicado às práticas profissionais de atores sociais que exercem as suas atividades em contextos educativos. Em “Orientação escolar e profissional no ensino secundário: contributos para discussão”, Carlos Manuel Gonçalves, Ângela Matos, Luísa Pinheiro, Mónica Santos e Patrícia Amaral propõem uma análise do apoio prestado aos alunos pelos serviços de orientação vocacional existentes no ensino secundário, no processo de prossecução da trajetória escolar ou de transição para o mercado de trabalho. Os serviços prestados pelas escolas neste domínio podem revelar-se fundamentais para apoiar os alunos no seu percurso escolar e profissional futuro. O que os autores concluem é, contudo, que os alunos usufruem pouco dos serviços de orientação vocacional, provavelmente por já terem tomado as decisões relativamente às áreas de estudo no 9.º ano de escolaridade. Já no processo de transição para o ensino secundário, os alunos reconhecem a importância deste serviço. Os técnicos em si chamam a atenção para a necessidade de uma maior coordenação com as direções regionais de educação. Os autores salientam ainda, à semelhança do que foi referido no capítulo

anterior, a necessidade de garantir uma maior estabilidade dos técnicos de orientação vocacional, de forma a promover um trabalho continuado no tempo e passível de melhorias contínuas.

Luísa Faria, no capítulo intitulado “Conceções pessoais de competência, eficácia coletiva de escolas e sucesso no secundário” detém-se sobre o papel desempenhado pelas conceções pessoais de competência de alunos do ensino secundário e de eficácia coletiva das escolas no desempenho e sucesso dos indivíduos e das escolas. Adotando um enfoque mais dirigido para as perceções dos atores sociais, este estudo permite compreender a importância das conceções das pessoas acerca de uma “escola eficaz”. Recorrendo a um conjunto de indicadores, como o clima da escola ou o reconhecimento do sucesso dos alunos e dos professores, a investigação foi realizada em oito escolas públicas e privadas e evidenciou que as crenças das pessoas sobre a eficácia da escola influenciam os comportamentos e normas no seu interior. A autora avança, a partir da investigação realizada, com algumas propostas para as escolas, entre as quais pode encontrar-se, por exemplo, o fomento das relações entre a escola e a comunidade envolvente, o estímulo de atividades de cooperação na sala de aula, o apoio aos alunos na transição para o ensino secundário (veja-se o capítulo anterior sobre os serviços de orientação vocacional) ou a promoção da formação dos professores. O sucesso *da e na* escola pressupõe também trabalhar sobre as crenças e representações dos atores sociais.

Em “Otimização do ensino das ciências experimentais”, Maria José de Almeida, apresenta os princípios, as etapas e alguns resultados de um projeto de investigação-ação, envolvendo 19 investigadores universitários e 55 professores do ensino básico e secundário, no sentido de promover processos de investigação e reflexão sobre práticas docentes que fomentassem um aperfeiçoamento gradual dos modelos pedagógicos em uso. Em poucas palavras, diga-se que o projeto partiu da premissa de que um ensino mais integrado, sequencial e experimental é mais eficaz, e consistiu numa série de atividades desenvolvidas pelos docentes e debatidas em sucessivos encontros, constatando que, nas escolas em que se avaliaram resultados, as aprendizagens dos alunos envolvidos na experiência revelaram-se efetivamente superiores às dos grupos de controlo. Para além de confirmarem a validade das referidas premissas pedagógicas, num sistema educativo ainda demasiado expositivo e fragmentado, tanto em termos disciplinares como de ciclos de ensino, o que este projeto indicia é a vantagem inestimável de entender a própria prática pedagógica enquanto “investigação em ação”, nomeadamente gerando projetos coletivos, em que se envolvem docentes de diferentes disciplinas e ciclos de ensino, com o apoio de investigadores.

Por fim, no capítulo “Imigração e condições sociais no desempenho escolar: resultados das provas de aferição em alunos da AML”, Teresa Seabra, Patrícia Ávila e Leonor Castro apresentam os principais resultados de uma análise quantitativa do (in)sucesso dos alunos do ensino básico em provas nacionais. Focando estas duas dimensões, concluem que a classe social tem maior impacto do que a naturalidade, mas que existem interessantes interações entre ambas. Como resultado inovador e pista valiosa para futuras investigações, bem como para políticas educativas mais equitativas, destacamos o contraste entre um impacto da naturalidade reduzido nas

provas do 4.º ano, mas bastante mais elevado no 6.º ano, contrariando estudos internacionais que apontam para que o efeito de origem social tende a esbater-se ao longo da escolaridade. Será então fundamental intervir sobre as especificidades nos currículos e escolas do 2º ciclo, em Portugal, que fazem com que o sucesso dos alunos de famílias imigrantes aumente de forma muito significativa. Não será de excluir, por exemplo, a hipótese de que o regime complexo e fragmentado de mais de uma dezena de disciplinas e de professores, sendo excecional a nível internacional, seja particularmente penalizador para os alunos de 11 ou 12 anos que, sendo originários de outros países, estão já sujeitos a um trabalho intenso de adaptação aos arbitrários culturais do país de acolhimento.

Esperamos com esta sintética apresentação das investigações realizadas ter aguçado a curiosidade dos leitores. Acreditamos que este livro constitui um passo importante para a análise do sucesso escolar e da multiplicidade das facetas que o enformam. A heterogeneidade das leituras sobre o tema é, também, central para uma abordagem que se quer plural dos fenómenos sociais. Terminamos com uma palavra de agradecimento a todos os autores que conferiram, nesta obra, substância heurística a este debate.

